

ESCREVENDO E SE REESCREVENDO: RACHEL DE QUEIROZ E CONCEIÇÃO EVARISTO

Luane Tamires dos Santos Martins (Pós- Crítica/UNEB)

Orientadora: Profa. Dra. Jailma dos Santos Pedreira Moreira

Resumo: A seguinte pesquisa, ainda em processo de construção e desconstrução, visa investigar e refletir sobre o perfil das escritoras Conceição Evaristo e Rachel de Queiroz, considerando suas trajetórias literárias e de vida. Para tanto pretendemos levantar a bibliografia e biografia das mesmas, destacando temáticas mais recorrentes e textos que tratem do ato de escrever. Ainda nos utilizaremos de um referencial teórico condizente com a crítica cultural, com os estudos feministas, de gênero e literários. Desta forma, pretendemos averiguar o percurso das escritoras, nos seus diversos contextos, na conquista deste lugar outrora negado à mulher. Por fim, esperamos contribuir, pelo viés da crítica cultural, com os estudos sobre literatura de autoria feminina no Brasil. Vale salientar, no entanto, que o projeto de pesquisa em questão provavelmente passará por alterações em razão da abrangência do objeto da pesquisa, porém, ainda em discussão com a orientadora.

Palavras-chave: Ato de escrever. Crítica Cultural. Crítica Literária. Mulher escritora.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho visa apresentar o projeto de pesquisa para o Mestrado em Crítica Cultural, cujo tema é a escrita feminina, e que ainda encontra-se em fase de discussão, desconstrução e construção.

Ao cursar o curso de Letras e me envolver com os estudos de gênero e os estudos feministas, comecei a refletir sobre a minha relação com os textos literários. Em meio a tais pesquisas, percebi que no meu repertório pessoal de leitura havia poucas autoras e fui em busca de leituras de autoria feminina. Diante de alguns livros escritos por mulheres que tive a oportunidade de ler, deparei-me com obras de Raquel de Queiroz e Conceição Evaristo. Sendo assim, ao ler o livro “Insubmissas Lágrimas de Mulher”, uma coletânea de contos da autora Conceição Evaristo, pude observar uma linguagem objetiva e cativante que trazia como protagonistas dos contos mulheres que passam por diversas situações conflituosas em suas vidas. Nessa mesma perspectiva, o livro “Memorial de Maria Moura”, de Raquel de Queiroz, também apresentava como protagonista uma mulher, Maria Moura.

Essas duas narrativas citadas acima, chamaram-me a atenção uma vez que, fora do que habitualmente estava acostumada a ler, estava diante de escritoras que tratavam em seus escritos sobre a mulher. Não era mais uma visão de um autor, estava diante de mim a oportunidade de ler como uma mulher retrata a si mesma ou a outras.

Desta maneira, a problemática desta pesquisa nos faz questionar: como se configura o perfil das escritoras literárias Raquel de Queiroz e Conceição Evaristo, considerando suas trajetórias literárias e de vida? Como objetivos gerais e específicos, pretende-se investigar e refletir sobre a

escrita feminina e a própria construção do “ser escritora” nas obras das autoras em questão, considerando suas trajetórias literárias e de vida; averiguar o percurso das escritoras no que concerne a historiografia literária; pesquisar e analisar a bibliografia e biografia das autoras; investigar e refletir sobre a presença de temas relacionados ao ato de escrever, à mulher escritora e escrita feminina, e, ainda, averiguar e discutir sobre as possíveis violências (simbólicas ou não) que as autoras sofreram na construção do “ser escritora”.

No entanto, provavelmente, o projeto de pesquisa em questão sofrerá um recorte voltado apenas para a escritora Raquel de Queiroz, com o intuito de investigar sua trajetória literária e de vida na construção do “ser escritora”, além de analisar uma de suas obras na tentativa de perceber nuances dessa escrita autobiográfica. Porém, apresentaremos a seguir não as reformulações, mas preâmbulos teóricos da pesquisa.

PREÂMBULOS LITERÁRIOS DE RAQUEL DE QUEIROZ

Sabemos que as autoras em questão fazem parte de períodos históricos diferentes e, considerando a periodização literária, escolas literárias diferentes. Enquanto Raquel de Queiroz é comumente enquadrada no período da historiografia literária denominado Modernismo, Conceição Evaristo faz parte do que a crítica atual costuma chamar de “contemporâneo”.

Desta maneira, para a proposta deste texto, nos deteremos a refletir um pouco sobre esse período denominado de Modernismo, no que diz respeito ao que alguns críticos literários abordaram a respeito de Raquel de Queiroz. O período Modernista, resumidamente, é caracterizado pela ruptura com os modelos parnasianos e o seu estopim é relacionado à Semana de Arte Moderna, realizada em fevereiro de 1922.

Sendo assim, os críticos literários Antônio Candido e José Aderaldo Castello (1975), no terceiro volume do livro *Presença da Literatura Brasileira*, abordam sobre os fundamentos do Modernismo brasileiro e doravante apresentam uma breve biografia sobre autores modernistas e fragmentos que exemplificam suas obras. Neste volume, encontramos destacados vinte e dois autores, como por exemplo, Jorge Amado, Manuel Bandeira e Oswald de Andrade; e duas autoras, Cecília Meireles e Raquel de Queiroz. Sobre esta última, nos deteremos em descrever a crítica dos autores.

Cândido e Castello (1975) dissertam de uma forma breve sobre a biografia e a bibliografia da autora em questão, afirmando que, no tocante a prosa, uma das correntes mais importantes foi a regionalista, corrente que tem como representante Raquel de Queiroz. Segundo os mesmos, a escritora nasceu em Fortaleza (1910), diplomou-se em 1925 e ingressou no jornalismo, lançando seu

livro de estreia, *O Quinze*, em 1930. Os autores ressaltam que nos romances *O Quinze* e *João Miguel*, a autora se apoia na análise psicológica dos personagens, especialmente no tocante ao homem nordestino, ainda afirmam que tanto nestes, quanto nas suas demais obras regionalistas, a autora vale-se de uma linguagem enriquecida pela escolha acertada do vocabulário e pela técnica do diálogo.

Referente à bibliografia da escritora, os autores destacam os seguintes textos, por ordem cronológica de lançamento, indicando entre parênteses as crônicas e os textos teatrais: *O Quinze* (1930), *João Miguel* (1932), *Caminhos de Pedra* (1937), *As Três Marias* (1939), *A Donzela e a Moura Torta* (Crônicas, 1948), *Lampião* (Teatro, 1953), *100 crônicas escolhidas* (1958), *A Beata Maria do Egito* (Teatro, 1958), *O Brasileiro perplexo: histórias e crônicas* (1963) e *o Caçador de tatu* (Crônicas, 1967).

Alfredo Bosi (1994), por sua vez, em *História Concisa da Literatura Brasileira*, dedica dois capítulos sobre a escola literária modernista e neles apresenta uma breve nota biográfica sobre os autores e tece alguns comentários sobre as obras dos mesmos e o estilo que os caracteriza. No primeiro, ele descreve os adventos do Pré-modernismo e do Modernismo até a década de 30. No outro capítulo, intitulado *Tendências contemporâneas*, o autor disserta sobre os autores que se destacaram no Brasil após a década de 30, período considerado pelo mesmo como “contemporâneo” ponderando até os dias atuais. É neste período que, para o autor, Raquel de Queiroz estaria enquadrada no que se refere à periodização literária. Sobre o motivo de usar o termo “contemporâneo”, o autor justifica-se dizendo:

[...] 1922, por exemplo, presta-se muito bem à periodização literária: o ano de 1930 evoca menos significados literários premente es por causa do relevo social assumido pela Revolução de Outubro. Mas, tendo esse movimento nascido das contradições da República Velha que ele pretendia superar, e , em parte, superou; e tendo suscitado em todo o Brasil uma corrente de esperanças, oposições, programas e desenganos, venceu fundo a nossa literatura, lançando-a um estatuto *adulto* e *moderno* perto do qual as palavras de ordem de 22 parecem fogachos de adolescentes. Somos hoje contemporâneos de uma realidade econômica, social, política, e cultural que se estruturou depois de 30. [BOSI, 1994, p. 383, grifo do autor]

Sobre Raquel de Queiroz, Alfredo Bosi tece alguns comentários a respeito de quatro romances da escritora, ressaltando que *O Quinze* e *João Miguel* estão inseridos na ficção regionalista, enquanto, *Caminho de Pedras* seria um romance de cunho conscientemente político, mas também populista por situar as “personagens pobres ‘de fora’, como quem observa um espetáculo curioso, que eventualmente, pode comover.” (BOSI, 1994, p. 396). Já o romance *As Três Marias*, seria de cunho psicológico.

Sobre o caráter ideológico da autora em questão, Alfredo Bosi ressalta que a mesma é um tanto paradoxal, mas que tal paradoxo pode ser facilmente compreendido considerando a influência do momento tenentista nacional que a teria condicionado. Desta forma, a mesma apresenta-se revolucionária, em 1930; sentimentalmente liberal e esquerdizante, no período da ditadura; e por fim, defensora das raízes do *status quo*.

Em relação à bibliografia de Raquel de Queiroz, o crítico literário referido acima, destaca, cronologicamente, no gênero ficção: O Quinze (1930), João Miguel (1932), Caminho de Pedras (1937), As Três Marias (1939), O Galo de Ouro (1950), Dora Doralina (1975) e Memorial de Maria Moura (1992); no teatro: Lampião (1953) e A Beata Maria do Egito (1958); e na crônica: A Donzela e a Moura Torta (1948), 100 Crônicas Escolhidas (1958), O Brasileiro Perplexo (1963) e o Caçador de Tatu (1967).

Desta maneira, com base em tais constatações, podemos começar a refletir sobre desproporcionalidade entre o número de escritores mencionados, resenhados e caracterizados pelos críticos aqui mencionados, em contraste com o número de escritoras. Além disso, vale-nos questionar também se como representantes femininas da escrita literária modernista, teríamos tão somente Cecília Meireles, Clarice Lispector e Raquel de Queiroz, bem como, o que teria sido considerado nestas escritoras, mais especificamente em Raquel de Queiroz, que as fizeram ser “contadas” nestas historiografias da Literatura Brasileira.

ESCRITA FEMININA: O ESTOPIM DE UMA ESCRITA RESILIENTE

Em tempos mais longínquos, diríamos que discutir a presença da mulher na literatura seria, para muitos, algo socialmente descartável, até mesmo devido ao fato desta discussão partir diretamente de uma mulher. Esta “graça” nos é permitida atualmente devido ao advento da discussão sobre Gênero na perspectiva dos Estudos Feministas em correlação com os Estudos Culturais e a abertura do campo literário para outras discussões que transcendem a obra literária propriamente dita e o cânone.

Desta forma, os estudos teóricos sobre mulher ascenderam no espaço acadêmico a partir de 1968, como nos afirma Guacira Lopes Louro (1997). A mesma autora ressalta que:

Tornar visível aquela que fora ocultada foi o grande objetivo das estudiosas feministas desses primeiros tempos. A segregação social e política a que as mulheres foram historicamente conduzidas tivera como conseqüência a sua ampla **invisibilidade** como sujeito da Ciência. (LOURO, 1997, p. 17, grifo meu).

Sendo assim, compreende-se que os primeiros estudos de e sobre mulheres baseavam-se na tentativa de dar visibilidade aquela outrora subjulgada, oprimida e invisibilizada socialmente. Consideravam-se também as lutas políticas das feministas pelos direitos antes negados a nós, como o direito ao voto, por exemplo.

Já sabemos que para mulher não foi “destinado” o espaço literário. A mulher não era vista como um ser que pensa, capaz de defender seus objetivos, capaz de fazer Ciência, de ser racional, como nos sugere a autora Julia Hissa (1999, p. 505, grifo meu):

Resignação, obediência e passividade, são qualidades apreendidas como próprias da natureza da mulher, por força da ideologia, que, valendo-se desses rótulos, passou a encará-la pelo lado da insensatez. **Confundida com a criança, em razão de uma suposta fragilidade, a mulher congelou a voz e os sentimentos ao longo dos anos**, atraindo para si o estigma da diferença.

[...]

Pela lógica masculina, a mulher é aprendida como um “**ser – a- menos**”, tão próxima que se encontra da **irracionalidade** e da infantilidade.

Se a mulher não era vista como sujeito da Ciência, pessoa racional, conseqüentemente ela também não poderia ser vista como sujeito leitor, crítico, reflexivo, ou até mesmo como sujeito capaz de escrever. Nessa perspectiva, tornava-se invisível também a escrita da mulher. Mas é pertinente destacar que apesar da escrita feminina ter sido invisibilizada e silenciada desde os séculos passados, isso não quer dizer que as mulheres não tenham escrito literatura ou que não escreveram ou escrevem. Para Cristina Ramalho (2011, p. 25).

Obras como de *Escritoras brasileiras do século XIX, Tirando do fundo do baú: antologia de poetas brasileiras do século XIX e desafiando o cânone* (1 e 2), entre outras, ostentam a importância do século XIX para o reconhecimento da inegável inserção da mulher no âmbito da historiografia literária brasileira. São tantos os registros de existência de escritoras e publicações de obras que não há espaço para se negar a incoerência entre o que se pensava (as mulheres pouco escreviam e o que escreviam era de pouca importância) e o que, de fato, se encontrou, depois de incansáveis e exaustivas pesquisas e buscas por publicações.

Atualmente, obras de escritoras como Rachel de Queiroz e Clarice Lispector, por exemplo, estão sendo sugeridas até em alguns vestibulares de universidades do Estado brasileiro. Todavia, não podemos nos esquecer que ações específicas sobre determinadas escritoras não podem nos impedir de questionarmos o porquê de muitas vezes, nas aulas de literatura, ouvirmos mais os nomes dos autores que das autoras, principalmente quando se trata dos considerados canônicos. Pois como afirma Catiz-Montoro (1999) temos que tomar cuidado com o uso de exemplos isolados para provar que todas as mulheres (neste caso, todas as escritoras) possuem oportunidades iguais em nossos sistemas social e econômico atuais.

Destarte, vale frisar e advertir que não são todas as escritoras que são “conhecidas”, e ao nos depararmos com esse lugar da literatura feminina, da obra literária em si, é pertinente discutirmos,

contudo, sobre a construção do cânone literário. O autor Roberto Reis, no texto *Cânon* (1992), nos oferece um aprofundamento consistente em torno do que venha a ser um cânone literário. O autor atrela a construção da ideia de cânone literário às questões culturais e, conseqüentemente, às relações políticas, ou seja, de poder, subjacentes a tais questões. Segundo Roberto Reis (1992, p. 72):

Historicamente, a literatura [...] tem sido um eficaz veículo de transmissão de cultura. A literatura tem sido uma das grandes instituições de reforço de fronteiras culturais e barreiras sociais, estabelecendo privilégios e recalques no interior da sociedade. Ao olharmos para as obras canônicas da literatura ocidental perceberemos de imediato a exclusão de diversos grupos sociais, étnicos e sexuais do cânon literário.

Assim, não precisamos fazer muitos esforços para perceber a exclusão concernente à produção literária feminina, basta, reflexivamente, nos perguntarmos quantas autoras consideradas canônicas e quantos autores estudamos durante o nosso Ensino Médio. E se nos aprofundarmos ainda mais nessa reflexão e nos perguntarmos sobre as escritoras negras, provavelmente, não nos lembraremos de muitas, isto se conseguirmos nos lembrar de alguma.

Por conseguinte, Reis (1992) ainda nos alerta que ao lermos e questionarmos um texto literário considerado canônico não se pode deixar de refletir sobre as circunstâncias históricas em que o mesmo foi criado e que, provavelmente frente a essas circunstâncias, indivíduos dotados de poder atribuíram ao tal texto o valor de “literário” em relação a outros, tornando-o um cânone. Até por que:

O que é belo, é belo pra quem? O que é artístico, é artístico para quem? O que é poético, ou literário, é assim para quem? E quando? E onde? E com que bases ou princípios? A quem interessa que assim sejam aceitos (ou rejeitados)? Em que contexto? (WANDERLEY, 1999, p. 261)

Segundo o autor supracitado a canonização literária é dotada de interesses ideológicos de dominação, poder e exclusão. Sendo assim, adentrar o espaço do cânone tem sido luta constante de nossas escritoras, principalmente as escritoras negras.

No tocante a isto, conforme Maria Inês de Moraes Marreco (2010) a década de 1850 é considerada como marco oficial da maturidade literária no que cerne as produções masculinas, abrindo espaço, porém, para algumas produções de autoras. Entretanto, “como as publicações estavam sob o controle de editores homens, as mulheres tinham que batalhar para serem aceitas enquanto escritoras, e também acatar os padrões estéticos estabelecidos.” (MARRECO, 2010, p. 236). Em consonância com esta afirmação, Maris Stelamaris Coser (2007, p. 257) diz que “o corpo muitas vezes se cala, em geral submisso ao desejo masculino, e a narrativa silencia a respeito do desejo e prazer da mulher”.

Foi esse “calar” que as mulheres do século XIX se submeteram. Por conseguinte, para Ramalho (2011) a escritora feminina somente assume uma consciência de sua condição de mulher diante de uma sociedade patriarcal a partir do século XX e isto vai refletir nos seus textos. Para a autora, diversas escritoras do século XIX acabaram reproduzindo muitos dos valores patriarcais em suas obras. Desta maneira:

No século XX, essa consciência é mais palpável, pois o próprio mundo, a própria sociedade começa a discutir a condição da mulher em várias esferas, como a política (com a luta pelo direito ao voto), a trabalhista (com o ingresso maciço das mulheres no mercado de trabalho), [...], entre outras. A mulher (ou, mais tarde, as mulheres) passa a ser foco temático e isso facilita sua ação no campo das artes e da literatura. (RAMALHO, 2011, p. 26)

Mas o que levaria essas escritoras do século XIX a “reproduzir” o sistema patriarcal da época? Considerando as proposições de Maria Inês Marreco (2010) e Freitas (2002), entre outras autoras, a escrita feminina era inferiorizada pelo sistema patriarcal uma vez que somente ao homem foi dado o direito da criação, para mulher destinou-se a reprodução. Assumir os “moldes” patriarcais naquele período pode ser revisto, entretanto, como a única oportunidade que as escritoras da época encontraram para inserir-se no universo Literário, destinado apenas aos homens, uma vez que qualquer forma de expressão artística feminina, principalmente no que cerne a escrita, era duramente reprimida, pois, não nos esqueçamos, escrever está diretamente ligado às questões de poder.

Sendo assim, nos é lícito afirmar que, contemporaneamente, existe uma busca por uma identidade de gênero, uma marca que sinalize o texto literário. Nessa perspectiva, ao discutir sobre a “A escrita feminina”, Freitas (2002) ressalta, por sua vez, que os primeiros traços da libertação feminina na escrita ocorreu apenas no começo do século XX, com uma escrita pautada na fantasia insubmissa, procurando a descrição precisa do seu papel no mundo e sua reinvenção. Segundo a autora:

A literatura não é para as mulheres uma simples transgressão das leis que lhes proibiam o acesso à criação artística. Foi, muito mais do que isso, um território liberado, clandestino. Saída secreta da clausura da linguagem e de um pensamento masculino que as pensava e descrevia [...]. Apenas desabafo? Não, a literatura feminina é mais um registro de inconformismo da mulher àquelas leis. (FREITAS, 2002, p. 119)

Desta forma, a mulher passa a buscar a diferença como identidade, a desconstrução do supracitado modelo masculino na prática de sua escrita, assume de fato a sua “inexperiência” e “imperfeição”, encontrando conseqüentemente o seu jeito singular de escrever. Ainda consoante a autora referida, pode-se afirmar que durante séculos a mulher é desconhecida para si e uma estrangeira na sociedade de valores masculinos. Freitas ressalta que a escrita feminina é justamente

este livre expressar-se do universo feminino, lado a lado com o masculino, sem imitá-lo, mas também sem desconhecê-lo.

Entretanto, mesmo com tantos avanços, ainda é preciso lutar e questionar a ausência da mulher na literatura. Existem discursos contemporâneos que invalidam a potencialidade da escrita de autoria feminina, pois, conforme Coser (2005):

[...] as verdades parciais e encobertas, meio-ditas, associadas a subterfúgios típicos 'de mulher' e opostas ao raciocínio lógico, caracterizam teorias contemporâneas voltadas para a multiplicidade, o impuro e ambíguo. A opressão e o preconceito, por outro lado, o ocorrem em níveis diversos e impedem a sacralização e a idealização de qualquer condição de alteridade.

Um fator que pode exemplificar e consolidar a afirmação acima, tomando em linhas gerais, é a notória desproporcionalidade das escritoras na historiografia literária brasileira. Além disso, vale-nos pensar também por qual razão, na Academia Brasileira de Letras tem tão poucas representantes femininas, e indo mais além, representantes negras.

Porém, não podemos deixar de ressaltar que através dos diversos movimentos sociais feministas, das discussões sobre Gênero, de uma crítica literária feminista e da própria discussão dos Estudos Culturais, a literatura feminina tem surgido, aos poucos, nos espaços que anteriormente haviam sido negados às mulheres. Um exemplo disso é a presença de autoras, como Raquel de Queiroz, na Academia Brasileira de Letras e, ainda que de forma parcial, em historiografias literárias.

CONSIDERAÇÕES EM ANDAMENTO

Com base no exposto, considerando a produção literária de Raquel de Queiroz torna-se relevante indagar como esta autora se constituiu enquanto escritora de literatura. Além disso, nos inquieta pensar também se e como tal autora representa em sua obra o que compreende ser a escrita feminina. É importante também refletirmos sobre quais os impasses, as violências simbólicas (ou não) que esta autora sofreu ao longo de suas trajetórias literárias. E que escrita é essa? Existem marcas que possamos identificar essa tal "literatura feminina"?

Desta forma, vale ressaltar que através dos diversos movimentos sociais feministas, das discussões sobre Gênero, de uma crítica literária feminista e da própria discussão dos Estudos Culturais, a literatura feminina tem surgido aos poucos nos espaços que anteriormente haviam sido negados às mulheres. Um exemplo disso é a presença de autoras, como Raquel de Queiroz, na Academia Brasileira de Letras e, ainda que de forma parcial, em historiografias literárias. Destarte, o presente projeto torna-se pertinente, uma vez que, busca estudar a construção do próprio "ser escritora", considerando também os desafios que, provavelmente, existiram para estas escritoras e

ainda existem para as mulheres romperem com as barreiras do cânone literário. E desta maneira, esperamos contribuir, através do viés da Crítica Cultural, com os estudos de autoria feminina no Brasil.

REFERÊNCIAS:

- ALVES, Ivã. Escritoras do século XIX e a exclusão do cânone literário. In: ALVES, Ivã; MACEDO, Márcia; PASSOS, Elizabete (Org.). *Metamorfoses: gênero nas perspectivas interdisciplinares*. Salvador: UFBA, Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher, 1998.
- BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. 37 ed. São Paulo: Cultrix, 1994. p. 303-491.
- CAMPOS, Maria Consuelo Cunha. Gênero. In: JOBIN, José Luís (Org.). *Palavras da crítica: tendências e conceitos no estudo da literatura*. Rio de Janeiro: Imago, 1992. p. 111-115.
- CANDIDO, Antonio; CASTELLO, José Aderaldo. *Presença da Literatura Brasileira*. v. 3. Modernismo. 5 ed. São Paulo/Rio de Janeiro: Difel, 1975.
- CATIZ – MONTORO, Carmem. Feminismo radical e o lugar da nova mestiça. In: HOLANDA, Heloisa Buarque de.; CAPELATO, Helena Rolim (Org.). *Relações de gênero e diversidades culturais nas Américas*. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura/ São Paulo: EDUSP, 1999.
- COSER, Stelamaris. Mulheres, diários e cartas: narrativas apagadas da memória coletiva e dos arquivos literários. In: FIGUEIREDO, Eurídice; PORTO, Maria Bernadette Velloso. (Org.). *Figurações da alteridade*. Niterói: EdUFF, 2007, p. 251-266.
- COMPANGNON, Antoine. A literatura. In: COMPANGNON, Antoine; MOURÃO, Cleonice Paes Barreto; SANTIAGO, Consuelo Fortes. *O demônio da teoria: literatura e senso comum*. Belo Horizonte: UFMG, 1999.
- CULLER, Jonathan. Literatura e Estudos Culturais. In: CULLER, Jonathan. *Teoria Literária: uma introdução*. São Paulo: Beca Produções Culturais Ltda, 1999.
- FREITAS, Zilda de Oliveira. A literatura de autoria feminina. In: FERREIRA, Silvia Lúcia. NASCIMENTO, Enilda Rosendo (Org.). *Imagens da mulher na cultura contemporânea*. Salvador: NEIM/ UFBA, 2002.
- MARRECO, Maria Inês de Moraes. Investigando a história das mulheres. In: DUARTE, Constância Lima; DUARTE, Eduardo de Assis; ALEXANDRE, Marcos Antônio. (Org.). *Falas do outro: literatura, gênero e etnicidade*. Belo Horizonte: Nandyala; NEIA, 2010.
- RAMALHO, Cristina. As faces líricas da escritora brasileira. In: ZONLIN, Lúcia Osama; GOMES, Carlos Magno. (Org.). *Deslocamentos da escritora brasileira*. Maringá: Eduem, 2011.
- REIS, Roberto. Cânon. In: JOBIN, José Luís (Org.). *Palavras da crítica: tendências e conceitos no estudo da literatura*. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1992.
- SANTIAGO, Silvano. Outubro retalhado (entre Estocolmo e Frankfurt). In: MARGATO, Izabel; GOMES, Renato Cordeiro (Org.). *O papel do intelectual hoje*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004. p. 23-38.
- WANDERLEY, Jorge. Literatura. In: JOBIN, José Luís (Org.). *Palavras da crítica: tendências e conceitos no estudo da literatura*. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1992.

